

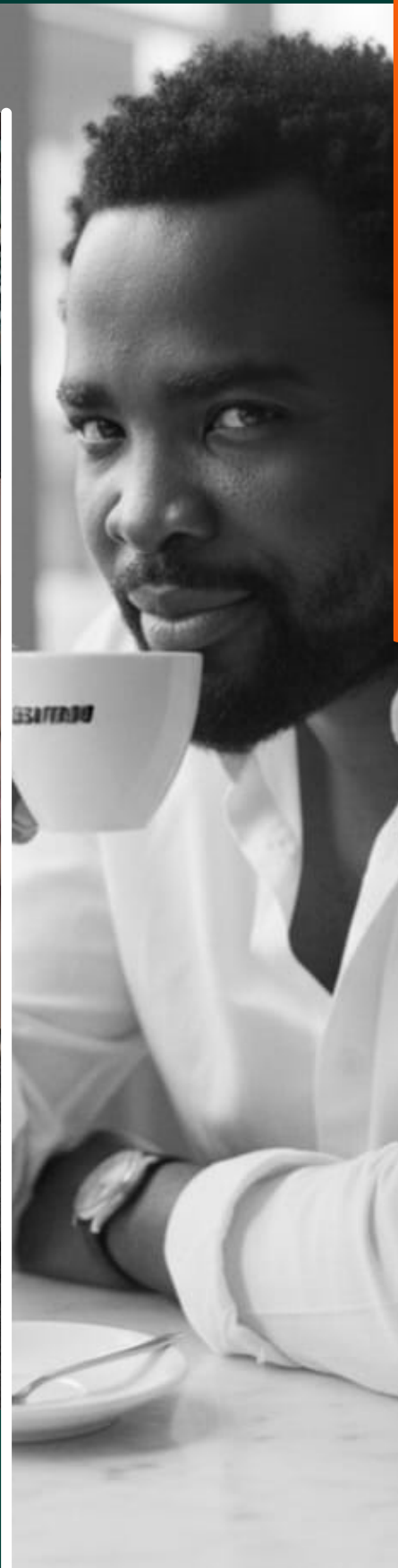


1ª EDIÇÃO



UPHILE

"O Guardião das tuas Memórias"



SUMÁRIO

NOTÍCIAS.....	04
ENTREVISTA.....	11
OPINIÃO.....	15
DEVANEIOS.....	20
COLUNA.....	26
MINHA BIO (Homenagem póstuma).....	28
SINOPSE.....	30
RESENHA.....	33
PERGAMINHOS.....	37





NOTÍCIAS

ROTEIRO LITERÁRIO

Niassa asfixia a Atmosfera Literária do País

A cidade de Lichinga, em Niassa, revelou-se no mês de Outubro, a capital Literária de Moçambique. Numa autêntica corrida de lançamentos de excursões, conversas literárias e saraus culturais, os autores cancelados por renomadas editoras e o **Clube dos Escritores, Poetas Amigos do Niassa** (CEPAN), empenharam-se no preenchimento das prateleiras nas livrarias do País, em particular de Niassa.

No moribundo Outubro, ao todo foram ao público 05 obras de género literário diverso. Dando justiça aos adjetivos, Lino Mukaruza, fez-se da balança e colocou **"O Equilíbrio do Nome"** nas mãos dos leitores no dia 03 de Outubro.

Nessa atmosfera, Arnaldo Ângelo Sondia levou também no dia 03 do mesmo mês, o barco ao leme no **"Naufrágio do Sorriso"** e Marrupa contemplou poesia e prosa do alto mar das emoções. No mesmo



Autor: Ntumbuluka Mucavele



Autor: Ntumbuluka Mucavele

movimento o CEPAN, enfeitou o outubro rosa, colorindo o Distrito, nos dias 03 e 04 de Outubro, numa excursão literária cuja partida foi Lichinga e Marrupa, o destino. Com cardápio recheado, sob lema *"Marrupa homenageando José Craveirinha - Poeta da Paz"*, houve espaço para a comunicação sobre "Técnicas de Leitura e Escrita", palestra sobre "Jogos de Azar e Suicídio", conversa à volta da lareira, entre outras actividades.

Com leitores de todos gostos e prazeres, no dia 10 de Outubro **"A Sós com Deus"** de Edgar Magalhães veio ao público.

Quando o mundo literário da província e não só, julgava bastante, através da poesia, num movimento em prol dos carenciados, em contramão, um miúdo de caneta e gesto fino, trouxe as ruas à gente de terno e vinco, e numa iniciativa inédita, o poeta Saloy, no dia 17 de Outubro exibiu em tela uma Colectânea de 07 vídeos, reclamando voz aos meninos das ruas, aos órfãos, as vítimas de violência doméstica, deixando todos emocionados com a obra **"Peripécias das Ruas"**.

Na diversidade da literatura, Jacinto Jamal, no pretérito dia 24 de Outubro, foi naquele Distrito cujo nome confunde-se com o Lago, e deu-lhes a boa nova sobre **"O Mar em Moçambique- Infra-estrutura, Regulação e Segurança"**, e com patentes, chamou a protecção do monstro Lago Niassa.

Enquanto isso, sábado sim, sábado sim, o Instituto de Camões, acolhe escritores e aspirantes, onde os pequenos passos são dados sem nenhuma exitação. A cada Sarau Cultural, um autor de créditos firmados incentiva a produção literária aos mais novos, e no sábado de Paz (04 de Outubro), o Poeta e Escritor, Lino Mukuruza, declamou e partilhou aos escritores emergentes, a sua trajectória de edição para motivar os demais autores.

Lino Mukuruza autor e actualmente coordenador da OLEBA Editores, encorajou os presentes a publicar seus trabalhos, onde através da editora aconselhou a produção em poucos exemplares, criando assim facilidades aos escritores.

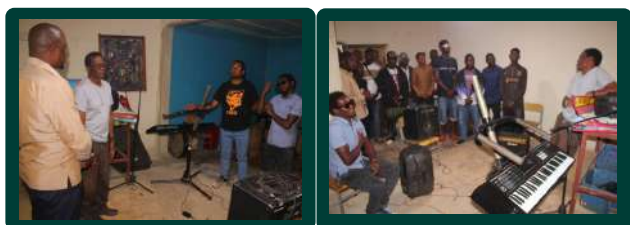
CAIXA DE RESSONÂNCIA

O Resgate do Embondeiro da Música de Niassa

A Direcção Provincial da Cultura e Turismo do Niassa, escalou no passado dia 01 de Outubro, o Centro Cultural Bela Vista, numa visita à **Banda Massukos**. A visita que contou com a liderança de **Fiel Rodrigues Tasse Adia**, Director Provincial da Cultura e Turismo, serviu de estímulo para o recém-empossado, reafirmar seu compromisso com a classe artística e reconhecer a preponderância que o agrupamento tem na província do Niassa.

Junto dos autores dos hinos *"Ntolilo"* e *"Ndunia"*, **Fiel Adia** acolheu o sentimento da necessidade de valorização da classe artística, sobretudo dos mais emblemáticos. Os Massukos, expressaram com tristeza a perda de identidade dos artistas emergentes, ao que manifestaram total abertura, com os fazedores das artes da província.

Ainda nesta visita, 20 artistas emergentes viveram o sonho de ver e beber da experiência dos magnos da música em Niassa, os Massukos, e destes, os artistas acolheram ensinamentos e aconselhamentos sobre gestão de carreira, como segredo para uma combinação entre a arte e o rendimento. Os artistas foram desafiados a explorar mais a criatividade e os instrumentos musicais, sobretudo os típicos de Niassa.



Autor: Ntumbuluka Mucavele

Imagens: Direcção Provincial da Cultura e Turismo



NOSSOS SERVIÇOS

Fornecimento

- Material de Escritório ●
- Material Óptico, Fotográfico, ●
- e Cinematográfico ●
- Mobiliários, Eletrodomésticos ●
- Equipamento Informático ●
- Ferragens, Tintas e muito mais ●

Gráfica e Design

- Estampagem ●
- Bordado ●
- Impressos Personalizados ●
- Convite, Cartaz, Cardápio, ●
- Crachá, Cartão de Visita ●
- Foto Tipo Passe ●

Papelaria

- Cópia ●
- Impressão PB & Colorida ●
- Encadernação ●
- Plastificação ●
- Digitalização de Docx ●
- Digitação de Docx ●

ESPECTÁCULOS MUSICAIS

Ngoma Syetu valoriza a Cultura de Niassa

A Rádio Moçambique, emissor provincial do Niassa, promoveu a **3ª Edição do Ngoma Syetu**, um concurso musical que juntou 27 artistas, para celebrar os 50 anos da RM.

Com a condução da **Banda Kassimbos**, os 12 artistas apurados a cerimónia de encerramento, levaram ao público actuações dignas de realce.

Durante o evento, **Josefa Macadona Semedo**, Delegada da RM - Niassa, referiu que a parada musical se reserva aos músicos emergentes, servindo assim de oportunidade para sua firmação no mercado musical cada vez mais competitivo.

De referir que as cerimónias da **3ª Edição do Ngoma Syetu** cujo lema foi "*A Nossa Música, a Nossa Identidade*" foram dirigidas por **Eduardo Izidoro**, Director do Gabinete do Secretário do Estado na Província, que enalteceu a iniciativa e apelou a maior valorização das artes.

Cada um dos 12 concorrentes da **3ª Edição do Ngoma Syetu**, recebeu diplomas de reconhecimento e 05 dos quais distinguidos nas diversas categorias, onde na Canção Popular- **Gata Kina**, saiu mais destacada, tendo o prémio de Artista Revelação ido para **Felicidade Nassona**; para prémio carreira, a título póstumo, os 25 anos de carreira de **Xavier Rajado Cássimo**, foram recordados e reconhecidos na presença de todos; a Canção popular foi para **Wanga Nelito** e a mais votada para o Rapper e activista social, **Rei Bravo**.



A FESTA DA ALDEIA

Inunda a Cidade de Cuamba



Autor: Ntumbuluka Mucavele

Imagens: Bill Barras



Uma chuva de emoções evadiu a cidade de Cuamba, deixando todo mundo de traje e acessórios de aldeia. Numa iniciativa da BB Agency, os amantes da cultura, foram agraciados por um espectáculo de tirar o folego e de inspirar gerações, ao celebrar a vida da comunidade. O evento da "Festa na Aldeia" na sua 8ª edição, juntou no dia 30 de Setembro no mesmo palco 20 artistas.

Com aproximadamente 500 campesinos, a festa na aldeia tem se revelado uma marca e os organizadores tencionam transformá-la em um "Festival da Aldeia" com envolvimento do Governo do Distrito e expandir a marca/evento para paragens como Nampula, Zambézia e Cabo Delgado, de acordo com o promotor Bill Barras.

Festa na Aldeia é um evento de canto e dança que celebra a cultura, a tradição e o convívio comunitário, inspirado nos encontros ancestrais das aldeias. O evento reúne artistas, grupos culturais e o público em um ambiente vibrante de partilha, música e alegria, promovendo a valorização das raízes e o espírito de união.

Pub.



ZELOA SABORES

ESPECIALIZADOS EM:

- RESTAURAÇÃO
- CATERING
- CURSOS INTENSIVOS DE CULINARIA

CATERING:

- Casamento
- Almoços para empresas
- Comidas típicas e internacionais
- Serviços de cocktails



PARA MAIS INFO: +258 865 704 217 • 84 3868120



Cidade de Quelimane

CANHÃO LAMENTA

Falta de espaço para exposição em Niassa



O renomado artista plástico, Canhão, mostrou-se agastado com as autoridades que velam pela cultura em Niassa. Canhão falava directamente de Cuamba, onde expressou com preocupação a falta de apoio dos agentes económicos para a promoção da arte, assim como insuficiência de locais de promoção da arte dos pinceis.

Num outro desenvolvimento, Canhão exortou as autoridades abertura de espaços para exposições, feiras e envolvimento em fóruns provinciais, de fazedores das artes. A troca de experiência foi apontada como outra estratégia para aprimoramento das técnicas de produção artísticas na província.

Com alguns trabalhos em paredes de estâncias turísticas de Cuamba, Canhão já participou em festivais nacionais de cultura, fases provinciais e nacionais, com destaque ao XII Festival da Cultura-2025.

Autor: Ntumbuluka Mucavele



ENTREVISTA

ENTREVISTA

"NUNCA TIVE UM AGENTE

na gestão da minha carreira" (Faxidjinho)

A entrevista da 1ª edição da revista foi com o músico **Faxidjinho**, jovem artista e promissor de Niassa, dono dos hits "Nganguitikana Nayo e Nganguraka stress", que tem se destacado nas festas e em eventos diversos. A entrevista foi conduzida pelo comunicador **Feliciano Abílio Salomão** ou simplesmente, **Saloy**, com vista a promover a carreira do artista e da cultura de Niassa.

Dono das audiências, seja nos adultos ou na criançada, **Faxidjinho** canta e encanta em língua local, o yao. Acompanhe a entrevista:

Quem é Faxidjinho?

Faxidjinho é um jovem artista, de 21 anos de idade, da província do Niassa, residente no distrito de Chimbunila, de nome de Bt: Faruk Aualo Omade.

Como surgiu o nome Faxidjinho?

O nome Faxidjinho surgiu por eu cortar e embelezar o nome Faruk por "Fax" e por colocando o sufixo "Djinho" para manter a humildade no nome.



ENTREVISTA

Quando e como surgiu a paixão pela música?

Sempre gostei de cantar, mas a minha primeira paixão propriamente dita, foi há 10 anos, em 2015, com os meus 11 anos, foi numa música de estilo dzukuta, gravada em Chimbunila, que falava da preservação da colheita, porque muitos pais depois da colheita usavam todo produto e ficavam sem sementes para outra época.

Com que estilo musical mais se identifica?

Me identifico mais com mangandje que muitos chamam kadoda.

Quando é que a sua música começou a ser muito consumida?

Em 2020, primeiro em Chimbunila, onde vivo com minha mãe, mas depois se espalhou para muitos lugares.

Qual é a sua fonte de inspiração?

Na música é King Sweet. Gosto muito das músicas dele e da forma dele de cantar. Fora de Moçambique, é Kaiuba, um artista Tanzaniano.

Como é ser artista em Niassa?

Não é tarefa fácil, principalmente para os novos artistas, o fraco apoio limita o trabalho do artista, gostaria muito de ter alguém para apoiar na carreira.

Não tem agente?

Nunca tive um agente. Apenas tinha alguém que falava por mim para marcação de shows e negociar os cachês, que era o Gaissinho. Mas agora trabalho sozinho.

ENTREVISTA

Como artista, qual é a avaliação que faz da sua carreira?

Sou o artista do momento na província, mas isso não quer dizer que tenho que parar de trabalhar ou cobrar muito dinheiro, porque os promotores podem não me chamar e aí fico esquecido, foi por isso que também parei de trabalhar com Gaissinho, porque algumas pessoas ligavam a reclamar que o dinheiro que ele cobrava era muito.

Quais são as músicas mais solicitadas nos seus shows?

Posso destacar 3 músicas, que não me deixam sair de palco sem cantar essas músicas, Nganguraka stress, Mualore e Nganguitikana Nayo.

Quantas músicas tem até agora?

Não sei dizer, mas tenho mais de 100 músicas gravadas. Para mim é fácil porque também sou produtor.

Quais são as suas maiores dificuldades?

Tenho problemas para gravação de vídeos, as vezes é difícil por causa de falta de dinheiro, mas com os shows vou tentando. O outro problema é que tem promotores que levam muito tempo para pagar os cachês e isso não ajuda muito.



Entrevista de Saloy.

Texto da Artimisa Jorge Tivane Mucavele.



OPINIÃO

O papel da crítica não é confortar nem harmonizar é expor as tensões invisíveis que estruturam o simbólico. A cultura viva não quer paz, quer fricção.

Foi numa tarde comum, banal até, quando o telefone tocou. Era um colega da faculdade, o Mucavele, daqueles que estão sempre a criar projectos impossíveis. Disse-me, com certa euforia, que estava a montar uma revista cultural e precisava de alguém para escrever críticas. “pensei em ti, mas não sei porquê”, depois sorriu. Aceitei sem pensar.

Desliguei a chamada e fiquei em silêncio. A palavra “crítica” vinha dentro de mim como um convite perigoso. O que é, afinal, ser um crítico cultural hoje? Um avaliador de produtos de entretenimento? Um influenciador ilustrado? Um pacificador que transforma tensões em opiniões civilizadas?

Não. Entendi, naquele instante, que se fosse para escrever, seria para desestabilizar. A crítica, se serve para alguma coisa, não é para construir consenso, mas para expôr forças. E foi daí que nasceu esta reflexão.

O Papel da Crítica

Mucavele, crítica não é legenda, é choque de leitura. Não basta descrever ou elogiar: é preciso atravessar o objecto cultural até ver o que ele oculta. Uma boa crítica é um curto-circuito entre forma e conteúdo, entre intenção e efeito, entre discurso e silêncio.

Ser crítico, hoje, é um acto de resistência contra a docilidade do discurso cultural. Significa recusar o papel de mediador leve, e assumir o de corpo em atrito. A crítica precisa sujar-se no campo onde as forças colidem.





A Mentira do Consenso

Vivemos numa época que transformou a harmonia em virtude. A cultura, domesticada por discursos de inclusão e marketing moral, tornou-se um grande hall de boas intenções. Tudo precisa ser “positivo”, “representativo”, “seguro para o público”.

Mas cultura não é terapia, é fractura. Quando uma obra cultural serve apenas para reafirmar a moral vigente, ela deixa de pulsar. O verdadeiro gesto criativo desestabiliza e nisso reside sua ética. Acomodar o real é o primeiro passo para matar a imaginação.

“Toda ordem é uma violência.” Já dizia Michel Foucault

A busca incessante por consenso é, no fundo, uma recusa da complexidade humana. É o medo de admitir que o pensamento é conflito, e que o diálogo só é possível quando há atrito.

A Cultura Como Campo de Forças

Cultura é energia em disputa. Cada arte, cada discurso, cada corpo exposto na esfera pública está submetido a forças de poder que se atraem, se repelem e se negam mutuamente. Não existe neutralidade simbólica: todo gesto cultural coloca corpos em jogo, quem fala, quem cala, quem consome, quem é consumido.

Quando um filme mostra diversidade com um roteiro previsível, o que está em jogo não é só a representação, mas quem lucra com ela. Quando um grafite, diamante ou objecto antigo é convidado pra dentro do museu, o gesto pode ser reconhecimento, mas também domesticação do subversivo.

A cultura é esse tabuleiro de forças invisíveis onde cada aparente vitória esconde uma nova forma de captura.

A Moral Disfarçada de Estética

O novo moralismo vem travestido de estética progressista. A arte deve “representar”, “incluir”, “corrigir”. Mas quem define o que merece ser incluso? A crítica cultural, se quiser ser honesta, não pode ser cúmplice dessa liturgia da pureza.

“A cultura que redime é a cultura domesticada.” O critério da sensibilidade não é a virtude, é a tensão. Obras desconfortáveis, contraditórias e até moralmente ambíguas são necessárias porque só elas revelam a zona onde o humano ainda está vivo.

O Risco é o Oxigénio da Cultura

Cultura que não arrisca, repete. Cultura que não fere, adestra. A arte e o pensamento precisam de zonas perigosas, de sustos, de abismos, de palavras que ainda tenham capacidade de arranhar o conforto colectivo.

Mucavele, escrever crítica cultural é aceitar sangrar um pouco. Não há outro jeito. A lucidez dói, mas purifica. Cultura é campo de força, não de consenso, porque a vida é feita de colisões, e o pensamento é o registo dessas colisões. Nada de harmonia, queremos fricção, ambiguidade, vertigem. O restabelecimento do conflito é o que mantém o real respirando.

Quem escreve crítica hoje precisa ter a coragem de ser impopular. O elogio fácil é o epitáfio da inteligência. O verdadeiro crítico é aquele que, ao invés de oferecer paz, acende uma faísca.

Por João Sembezero (sembezero590@gmail.com)



A frase provocadora de Montesquieu “Não existe um animal irracional, somente universos paralelos ou com leis diferentes” deveria estar estampada nas salas de aula, nos gabinetes políticos e nas conferências ambientais. Ela nos convida a abandonar o olhar arrogante que insiste em medir todas as formas de vida pela régua humana.

A racionalidade, como bem apontam Darwin, Morin e Arendt, não é um monopólio da espécie humana. O canto das baleias, a dança dos pássaros-do-paraíso, o altruísmo dos suricatos tudo isso revela lógicas adaptativas refinadas, moldadas por milhões de anos de evolução. Não são irracionais. São diferentes. E essa diferença é o que torna o mundo vivo, complexo e interdependente.

O problema é que ainda insistimos em julgar o comportamento animal (e até o cultural humano) com base em padrões universais que ignoram o contexto. Montesquieu já dizia que “as leis devem estar de acordo com o carácter das pessoas para quem são feitas.” Isso vale para sociedades humanas, mas também para ecossistemas naturais. Cada sistema seja uma floresta tropical ou uma colônia de abelhas opera com suas próprias regras internas. E desrespeitar essas regras é desestabilizar o equilíbrio do planeta.

Precisamos urgentemente de uma ética ambiental que reconheça essa pluralidade. Não se trata apenas de proteger espécies ameaçadas, mas de respeitar as lógicas que sustentam a vida. Como educador e pesquisador, vejo diariamente o impacto de uma visão antropocêntrica que marginaliza saberes locais, práticas sustentáveis e formas de vida não humanas.

Está na hora de mudar. De escutar os cantos, os silêncios e os ritmos dos outros “universos paralelos” que coexistem connosco. Porque, como nos lembra Montesquieu, o irracional talvez. esteja em nossa incapacidade de reconhecer a racionalidade do outro.



CRIAÇÃO

- Logotipo, Cartaz ,ID Visual
- Banner ,Roll Up ,Cover
- Publicitário ,Crachá
- Cartão de visota
- Curriculum, Stikers
- Topper, Ticket
- Cartoon e mais.

FILMAGEM E EDIÇÃO

- Video Clip
- Cinema
- Documentário e mais.

EDIÇÃO

- Revistas, Livros, Folhetos
- Imagens, Vídeos
- Vetorização de Logotipos e outros.

Motion Design e Publicidade

- Vinhetas
- Animação de Logotipos
- Motion Publicitário
- Vídeo publicitário
- Spot Publicitário

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE-NOS

DEVANEIOS

O BÓCIO DAS MADRUGADAS

Era alto, potente e carregadamente negro. Proprietário de uma voz estrondosa, joelhos de avestruz, nariz alongado e olhos salientes. De boca redonda e sempre com a barba tratada à lâmina. Exímio cumpridor das tarefas do seu labor, não faltava ao trabalho. Devido à sua altura incomum, Carlos Dido Camungonda, era conhecido por tio Thollo na comunidade de Mambone. Thollo trabalhava numa das cancelas da Estrada Nacional número 1 na província moçambicana de Inhambane, como resultado ser membro da polícia de trânsito de Moçambique.

Àquela sexta-feira, do vigésimo dia de Agosto de 2024, começou com sol incendiador e um calor escaldante. Como sempre, Mambone estava calma, tímida e coberta da sua tradição secular. Uma tradição mista, resultante do encontro entre as culturas changana e ndau. O ar endossado do rio Save, era igualmente fritador de dermes. Com uma vegetação aberta, fisionomia que obedece às ordens duma savana, emitia cores de um verde pálido. A fauna aquática do Save desempenhava seu papel com deficiente competência, fruto dos sinais de seca e cicatrizes de insuficiência de água que o rio apresentava. Dentre corvos e águias via-se outras tipologias de pássaros. Pelas bermas dos quarteirões dos bairros de Mambone, poderiam ser avistados os gados bovino e caprino, e, espontaneamente suínos a revirarem a lama dos charcos.

Por: Geraldo Cebola (geraldolucas20@gmail.com/ lucasgeraldo086@gmail.com)



Para além das belíssimas praias que a Província de Inhambane detêm, o rio Save e a cortejante Estrada Nacional número 1 são parte do mosaico emblemático da Província. Não passa um segundo sem que as rodas dos caminhões pisem as terras de Mambone. Os condutores o fazem com um misto de respeito e calma, abrandam e quase que veneram quando cortam a Nova Mambone. As razões do zelo pelas terras de Mambone prendem-se à dois factores: tradição e espiritualidade de que a zona é famosa, conhecida como espiritualidade ligada aos mfukwas e mambos e; ao respeito que a cancela policial do Save nutre.

Tio Thollo estava entre a equipa dos polícias em serviço naquela sexta-feira vinte de Agosto. Todo munido de disposição e autoridade da farda, tio Thollo foi fazendo o seu trabalho e interpelou vários condutores para exibição de documentos e aconselhamento sobre os cuidados a ter na estrada. Um dos condutores interpelados por tio Thollo, foi um senhor na casa dos sessenta anos, condutor de um caminhão que fazia o sentido Maputo-Zâmbia, carregado de material de computação.

O senhor Job Timanbva sacou o entulho de documentos requerido por tio Thollo. Tio Thollo não se mostrou satisfeito com o facto do condutor exhibir toda documentação completa e resolveu forçar uma evidencia para multar ao condutor. Resmungou enfiando sua face no interior da gola e simulando tossir pediu refresco. De seguida marchou para o traseiro do atrelado do caminhão acenando para que o condutor o seguisse.

O zambiano subtraiu-se da cabine e munido de mil respeitos aproximou-se da autoridade. Do bolso do zambiano saíram cinco notas de mil da moeda moçambicana e estendeu a mão como gesto de transmissão de posse.

- É o que tenho. - Proferiu o condutor zambiano.
- Está a brincar comigo? Não vê que isso é pouco? Não entende que não estou sozinho?
- Interrogou, rispidamente, Tio Thollo.
- Pode me dar algum tempo? Vou procurar outro valor pela aldeia. - Requereu o condutor.

Com a permissão de Thollo, o condutor demonstrou pretender desfazer-se de necessidades menores pela mata antes de introduzir-se na aldeia.;

Alto e magro, com sua coluna empenada pela raiva da idade, cabelo esbranquiçado por torturas do peso de memórias, enfiando no seu fato de caqui grosso e com botas que pareciam de atletas de esqui, o condutor penetrou na mata e aos poucos foi evaporando da vista.

Tio Thollo, em compasso de espera, reaproximou-se dos colegas e foi enfiando-lhe o relatório "Zambiano".

A burla aos condutores, para a sexta-feira 20, estava organizada da seguinte forma: cada membro teria direito de burlar cinco condutores. O resto dos veículos que passassem do Save, em caso de transgressão de código, deveriam pagar multas a favor do Estado. O zambiano, no caso concreto, seria o primeiro tacho para Tio Thollo.

Já passavam cinquenta minutos, a paciência de Thollo começara a esfumar-se. Foi reparando por todo lado na esperança de achar um vestígio do condutor, mas nada. Identificou uma esquina e chupou dois cigarros numa rajada, segurou numa garrafa de água e vazou um litro à jato. Dirigiu o olhar para o seu ômega mais de trinta vezes, em pesquisa de horas, até porque parecia árbitro de jogo de futebol.

Três horas depois o zambiano ressurgiu como um trovão inesperado de inverno, todo calmo e sereno. Foi rebocando-se para junto de Thollo. O condutor encontrou Thollo a bufar de raiva pelo tempo que esteve a espera. Inclinou a face por obrigações de respeito e voltou a saudar o polícia.

– Espero que tenhas resolvido, porque senão.... Soltou Thollo com maneiras imperativas.

O condutor arrastou-se para o interior da cabina e o motor roncou. E cicatrizando com as rodas o alcatrão da ponte sobre o rio Save desapareceu da vista de Thollo e companhia.

Thollo estava irrequieto e saltitante. Desconfiado de si mesmo introduzia a mão nos bolsos da casaca persistentemente. Mirava a continuidade da Estrada Nacional Número 1 procurando saber se o zambiano tinha seguido viagem de facto; outras vezes vigiava os céus na tentativa de avaliar possíveis zangas de Deus. O sol de Mambone não poupava os termómetros e o calor foi rebentando com as banhas de Thollo. O caso foi lhe pesando, transferiu o maço do dinheiro – donativo do condutor – dos profundos bolsos do casaco para os inferiores bolsos das calças da farda. Tentou divorciar-se do casaco, mas o casaco teimava em não sair do corpo. Tio Thollo começou a achar que algo não corria bem. Sentia necessidade de urinar, mas quando se diria às esquinas para executar o acto nada de urina vinha. O policial preferiu pedir licença junto do chefe da equipa e dirigiu-se para casa.

Tio Thollo invadiu seu quintal num ímpeto e correu para a sala como um vendaval na ponta do verão. Requisitou um copo de água e amontoou-se no sofá. Retirou do bolo o maço das notas e começou com o exercício de contagem. O certo é que daquele sofá o Tio não se levantou mais, não por falta de vontade, mas porque não o conseguia. Sem êxito, a esposa tentou carregá-lo para o quarto, mas Thollo pesava como uma montanha secular. Tio Thollo pernitoou no sofá contando dinheiro sem parar. Madrugada dentro, dona Catija redimiou-se dos lençóis para observar e despertar o marido. Thollo não parava de contar o dinheiro e registava-se um novo dado: tinham evoluído dois bócios no traseiro do pescoço. Catija, desesperada fez soar os alarmes junto dos familiares e os preocupados com a situação inundaram a casa. Foi um sábado de orações, orações sem cessar. De imediato foi decretado um jejum familiar. Thollo continuava o exercício de contagem e os bócios dilatavam o tamanho.

Quando a noite começou a invadir o dia, a família pensou em trazer um médico do Hospital Provincial de Inhambane. O doutor trazia consigo uma mala de instrumentos e medicamentos. Introduziu os termómetros e com o estetoscópio auscultou o coração. Enquanto Thollo contava o dinheiro o médico introduziu soro e não recomendou nenhuma medicação. Na sua saída confessou aos familiares que o assunto de Thollo não era da competência da sua medicina, mas sim de outras medicinas como a libertadora e ou a tradicional.

Já sob direção de um conceituado líder de uma seita religiosa conhecida por zione, a família continuou com as preces anoite dentro enquanto o núcleo duro da família se reunia para meditar sobre o passo subsequente. Dada a gravidade da situação e com a informação reunida junto dos colegas de Thollo sobre a origem do maço de dinheiro que se encontrava em contagem contínua nas suas mãos. O núcleo duro decidiu que havia necessidade de cessar as orações e trazer um nhamussoro. Amargurado, o líder religioso cedeu o lugar e retirou-se do cenário.

Baba Zatha, como era conhecido o nhamussoro, chegou carregado de ares de urgência e emergência. Enfiou-se dentro da casa. Retirou da sua mochila de pele uma cauda de búfalo preto, carregou-a de óleos e incensos e começou a varrer o corpo de Tholo pronunciando palavrões na língua zulu. Por fim Zatha informou aos familiares que Thollo já estava morto e que tinha morrido no seu porto de trabalho logo que recebera o dinheiro do condutor. Como prova ordenou Tholo para que parasse de contar o dinheiro e este esticou-se e o corpo ficou tísico.

Contaram-se que a morte de Thollo foi a mais comentada deste ano.

"COISAS QUE ELE NÃO QUERIA NO DIA DO SEU FUNERAL!"

*Desabafo de um morto
arrependido (Celebrando Mukwarrura)*

Registe-se junto ao cartório: nada de flores, mensagens contendo parágrafos meticulosos: deixa um vazio irreparável; será para sempre um exemplo a seguir; iremos dar continuidade das suas obras...! Qual obra qual é que é? Qual exemplo qual é que é? Qual vazio qual é que é?

Deixai, por favor, a sua alma transitar em paz, com todos aqueles aditivos macabros que em vida sempre lho atribuíram: ambicioso; coração grande; irresponsável; diabo em pessoa, em fim! Isso mesmo!

Os cadavéricos ventos deste século, sepultaram viventes de tanto abismo, quando melhor era emprestar-lhes um antídoto, que no olhar dos bárbaros, é um incômodo. As suas façanhas, alegrias e arrojadas mangas, foram sempre vistas em desdém nos holofotes daqueles manipuladores de mentes, mesmo que mal conheçam este ser da semelhança de Deus, pois, nem uma *milinga* recompensa a uma dádiva de Deus. O vivente, que sempre se moldou nas multicores entranhas da sua identidade, regou-se de tanta dificuldade e trepou os muros da vida, em viagens desalmadas; furou paredes traidoras de adobe; rasgou ventres e sequestrou noites e dias tentando lavrar a sua mãozinha talento que o divino lho emprestara. Os mundanos se esqueceram de que, Deus, deu um propósito a cada um nesse mundo; ignoraram o princípio de que, onde um termina, começa o outro



Por: Cê -Ndogo (eusepatricio@gmail.com)

Torturaram cada pedaço de passo que o vivente dava, tentando trazer alegria aos seus sequazes. Fazia coisas que poucos faziam; alegrava a todos até aos vientes. Ele era solução no desespero; era mágico sem magia. Até aí, conquistava a satisfação dos mais interessados e, aos bárbaros, roía os seus tímpanos. E como o destino não constrói pontes e pontões entre pedregulhos, é aos bárbaros que lho cai a consulta sobre o perfil daquele talento á montante, vindo do adjuzante.

- Onde, aí? Não se passa nada. É apenas lata; não serve para nada. É víbora em destilação. Esfregou o bárbaro.

Suspiro! É sonho rompido; futuro de filhos cortado por alheios; maldade em acção. Morreu assim o pobrezinho vivente, com rabo cortado por um bárbaro que tão mal lho conhece. Mas, porque Deus não é padrasto, é ao bárbaro que lhe é confiada a missão de lavrar a mensagem fúnebre. Eis a mensagem nunca ouvida; linda de ouvir; aquela que acorda aos mortos; todos condimentos em dia. Prontos, são coisas de satanás ou de fiéis possuídos. Em introspecção, questiono-me:

- Mas porquê mastigar ossos do seu próximo? Mas porquê ciladas e vespas em seus caminhos enquanto vivo? Mas porquê manipular mentes contra um ser da semelhança de Deus? Perguntas que nunca se deixam calar.

Repito...

- *Não quero flores, mensagens contendo parágrafos meticulosos: deixa um vazio irreparável; será para sempre um exemplo por seguir; iremos dar continuidade das suas obras. Qual obra qual é que é? Qual exemplo qual é que é? Qual vazio qual é que é?*

- *Deixai, por favor, a sua alma transitar em paz, com todos esses atributos macabros que em vida sempre lho emprestaram: ambicioso; coração big; irresponsável; diabo em pessoa, em fim!*

- *Como esse é o desejo dos mundanos, peço para que leiam a minha mensagem fúnebre agora, antes da minha morte! Quero saber que vazio irreparável deixarei na terra.*

Desdenhou o vivente!

- *Espero que apaguem todas mensagens gravadas nesses computadores, pois, descobri que a minha será copyandpast da mensagem do falecido anónimo que morreu num pretérito dia, vítima de envenenamento encomendado.*

- Expirou o vivente!

O CIDADÃO QUE NUNCA LHO FALTAREI COM O RESPEITO

AmbaleCatolo, licenciado em biologia, mas vagabundeando há anos em ruelas enferrujadas de Namacula, decidira firmar-se em trabalhos voluntários em apoio às comunidades a volta do cemitério local. Ambale reunira outros licenciados da banda e fundaram Etxipani. Decidiram enterrar os mortos, enquanto a sorte sortuda não -lhes intime. São sócios das mesmices da zona: comem sadaka juntos, jogam a bola juntos, por vezes, até, vadiam juntos nas margens de Muchenga tentando empurrar a vida. Quando morreu o meu amigo, espalhamos preocupação com vista abertura do sepulcro e o enterro do finado. Pelo tanto calor que fermenta os nossos corpos nesses dias em Lichinga, gritou do outro lado MbwanaMbumba, nduna do Akwilambo. Dissera palavras de solução: *AmbaleCatolo tem uma equipa de futebol sam'mawani com quem abre covas em cemitérios para sepultura dos mortos. Ele tem Etxipani. Eles o fazem com benevolência.*

Recorremos então ao Etxipani de Ambale para suavizar a urna do meu amigo que devia repousar em paz. Assim o fizeram com ternura e sossegamos a alma do finado. Enquanto abriam o *nihye*, ouvia conversas soltas, dizendo que, aquele Etxipani quando malagradecido, altera as medidas do *nihye* em relação ao randa ou esanda. Eles não exigem água de Unango para contornar as almas. Ela é necessária. Dizem, também, por vezes retardam o enchimento do túmulo. Os coveiros são por si um mistério. São únicos com acesso livre ao *nihye*; eles mantêm o contacto direito com o malogrado. Eles têm a gratidão de tocarem em randa ou esanda sem critérios. São eles que perfumam pela última vez o randa. Escondem as roupas preferidas do finado dentro do randa ou esanda. Só eles têm o último segredo do túmulo.

Venero-lhes por fazerem tudo de pé descalço. Abrem, perfuram o sepulcro; recebem, guardam, tapam tudo de pé descalço. Eles são um pedaço da história de Namacula. carregam memórias de cada sepultado. Eles são um baú ao fundo ou um segredo no fundo do baú.

Estamos sentados na sombra feita de lona ACNUR. Estamos a comer *sadaka*- arroz com feijão e cabeças de carapau. Sentamos três - três. Não queremos miúdos no nosso prato. Aqui, cada um murmura ao sabor da comida: NUNCA FALTAREI COM O RESPEITO AO COVEIRO.

COLUNA

PROF



PorLuís Madaba (luismadaba@gmail.com)

Os dias começam frescos, terminam frescos, não importa se é Verão ou Inverno. O stress gerado pelo trabalho, sonhos e desejos não realizados...a frescura do final do dia dissipa-o. Nos renovamos no calor das nossas casotas outrora cobertas de capim, substituídas por chapas de zinco, fruto da moderna forma de conceber as coisas. Neste planalto, o coração de Niassa, a manta ou a colcha é sempre nossa companheira, aquece os nossos corpos, espinha e sonhos, sim, sonhamos muito e, é por isso, que nos educamos no djando ou no rondo, nomes de lugares que acomodam os adolescentes na cerimónia de ritos de iniciação, também conhecida como Unhagouma prática que serve para ensinar a resiliência, valores morais e outros saberes para a vida.

O pó fino do fim do dia e sopro gelado da madrugada, sem permissão, deixa suas marcas sobre a pele dos jovens iniciados, também, pinta as paredes das nossas casotas geralmente de cor acastanhado.

É, por força da natureza que aprendemos a combinar as cores, que se reflecte na nossa vestimenta e, desde cedo praticamos a arte. Para provar que somos artistas desde o ventre, activada em volta da fogueira do djando ou do rondo, este último, lugar de iniciação das meninas, esculpíamos o rosto e as cinturas das paredes de nossas palhotas com pó castanho ou quase amarelo, cinzento, preta ou quase branca de terra escavada nas margens dos rios próximo às zonas residências.

Suaves mãos das nossas mães, antes da vinda das famosas unhas, eram responsáveis por este trabalho, também, eram instrutoras de jovens adolescentes, instruía-nas a arte de esculpir as casotas, sem necessidade de tintas industrializadas, uma prática que, infelizmente vai sendo esquecida com a cumplicidade sólida de salões de beleza e lojas de cosméticos. Que menina, nos dias que correm, aceitaria trocar unhas para praticar a arte de esculpir o rosto das casotas com terra?

Não estariam as nossas tradicionais formas de terapia ocupacional, sendo substituídas pela indústria, e a famosa inteligência artificial?

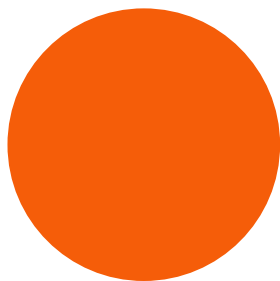
O que faremos com o tempo de sobra, e sem o estímulo à criatividade humana?

Não devíamos manter o básico dos nossos costumes que outrora nos ensinaram a ser resilientes e mais humanos, que entrar sem resistência para uma modernidade que nos adoece?

Foi Fernando Pessoa que nos ensinou que: A arte livra-nos ilusoriamente da sordidez de sermos. Enquanto sentimos os males e as injúrias de Hamlet, príncipe da Dinamarca, não sentimos os nossos – vis porque são nossos e vis porque são vis.

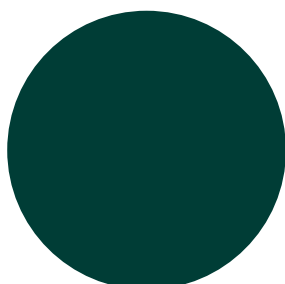
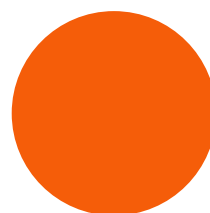
Devíamos transformar os espaços de Unhago como ateliês, pois, há pesquisas que nos revelam a importância do Unhago para uma cidadania mais consciente.

No djando ou no rondo, os nossos meninos e nossas meninas aprendem aquilo que o mundo moderno não pode ensinar, por força dessa crença, reforçada por pesquisas de académicos, não seria justo pedir ao moderno que se adapte aos nossos costumes, e assim, se preserve a nossa identidade?



MINHA BIO

(Homenagem póstuma)





Francelino Wilson nasceu a 24 de Outubro de 1985 em Maputo, mas aos três anos passou a viver na Cidade de Lichinga e veio a perder à vida a 11 de Outubro de 2025 em Portugal. Iniciou-se como Jornalista na Bioteca de Lichinga entre 2004 e 2007, tendo desempenhado posteriormente a função de bibliotecário, na biblioteca África Amiga, entre 2006 e 2007. Deu os primeiros passos num jornal de estudantes dinamizado na biblioteca e no Centro de Formação em Informática.

Fundou o Clube de Escritores e Poetas Amigos do Niassa e nesta altura faz a licenciatura em Ensino de Português na UP-Niassa e professor universitário na então Universidade Pedagógica de Manica e passou a frequentar um mestrado em Linguística na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Francelino Wilson trabalhou como Jornalista e Locutor da Rádio Moçambique entre 2009 a 2013.

Francelino Wilson era docente e pesquisador no Departamento de Linguística e Tradução, Faculdade de Letras Ciências Sociais e Humanidades, na Universidade Púnguê, em 2021 conquistou a primeira posição no Concurso IILP-Itamaraty de Artigos Científicos sobre a Língua Portuguesa, na categoria de Pós-graduação.

Wilson participou do concurso com o artigo Pedagogia do léxico: variedades não-europeias como recurso para o ensino e aprendizagem de português/L2 em Moçambique, a ser publicado em edição especial da revista PLATÔ, periódico produzido pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa.

O Concurso IILP-Itamaraty de Artigos Científicos sobre a Língua Portuguesa teve financiamento do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, tem como objectivos de estimular o desenvolvimento da pesquisa e da produção académica e contribuir para o debate e o estudo da língua portuguesa.

Francelino Wilson era Doutorando em Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, instituição aonde obteve o grau de Mestre em Linguística, em 2016. Foi Bolseiro de Investigação para a Construção dos Conteúdos Científicos do Museu da Língua Portuguesa, junto do Instituto Politécnico de Bragança, em Portugal. Era membro do Centro de Estudos de Políticas Educativas de Moçambique (CEPE) e do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP).

A sua pesquisa se concentrava em fonologia, estudos lexicais, línguas bantu (especialmente Emakhuwa) e o contacto e variações da língua portuguesa. Literariamente publicou o romance “Nikokwe – a reforma da prostituta” (publicado em 2010) ganhou o prémio FUNDAC em 2009 por seu manuscrito inédito. Uma segunda edição desta obra, agora intitulada “Nikokwe – A Reforma da Prostituta”, foi lançada recentemente. Assim como, “Estamos juntos: 25 anos, 25 contos”, “Jóia Niassa – Metáforas do Ventre”, e a “Esperança e Certeza” series; O Fervor da Paixão (poesia) e O Sepulcro das Almas (Prosa).

Francelino Wilson publicou vários artigos científicos, contos, poemas e realizou várias palestras em vários países.

Créditos de Omardine Omar



SINOPSE



“AMOR E DOR Em Terras Feridas”

Da autoria de **Gabriel Sérgio M'swache** "**Amor e Dor em Terras Feridas**", é uma obra intensa que retrata a realidade de um povo marcado pela guerra, pelas perdas e pelas dificuldades do quotidiano. Cada poema é um retrato honesto da dor, das cicatrizes deixadas pelo tempo e pelas circunstâncias, mostrando como as feridas podem ser profundas e, muitas vezes, invisíveis. Mas este livro não é apenas sobre dor. É também sobre a força do amor, sobre a capacidade de resistir e de se reconstruir mesmo quando tudo parece perdido. Gabriel Sérgio M'swache mostra que, mesmo nas situações mais difíceis, é possível encontrar coragem, esperança e paixão.

Ao percorrer estas páginas, o leitor é confrontado com emoções fortes, experiências humanas universais e reflexões sobre a vida, a perda, a solidariedade e a renovação. Esta é uma obra que exige atenção e entrega, que toca fundo e transforma quem se dispõe a sentir cada palavra.

Gabriel Sérgio M'swache para além de escritor, é actor, poeta, activista social e membro de Academias Literárias no Brasil. Fundador da Associação Humanitária Tafika e embaixador da FILCT, com pseudónimo de "BigaM" participou de antologias como Sonhos de Natal, Raízes do Futuro Ameaçado e entre outras

**Venha fazer parte da
família**

em

2026

E transforme, técnica em solução



**Instituto Médio
Politécnico e
Profissional de
Chicolone - Mandimba**



Nossos Cursos

- Agropecuária; e
- Gestão de Recursos Humanos.

Taxas

- Mensalidade 2500mt; e
- Internato (opcional) 2500mt.

Requisitos

- Certificado da 10/12 classe;
- Copia de Bilhete de Identidade;
- NUIT;
- 2 fotos tipo passe;
- 1 processo de aluno;
- 500mt para matrícula; e
- 100mt para inscrição.



Moçambique, Niassa, Mandimba



+258 872620940 / 842090445 / 870279867





RESENHA

NAVEGANDO SOBRE O GIGANTE AZAGAIA

Cães de Raça

“Azagaia” é nome artístico do rapper moçambicano **Edson da Luz**, falecido no ano 2023. Sua carreira artística foi marcada por obras musicais, boa parte focadas na política moçambicana de forma particular, mas com muita influência nos países da lusofonia. Nos seus temas musicais, Azagaia abordava temáticas ligadas à corrupção, justiça social, desigualdades, pobreza entre outras matérias de intervenção social.

Visto como “ousado” para alguns, e para outros como “audaz”, Azagaia era consciente suficiente para perceber que, os seus conteúdos musicais eram sensíveis para os políticos (o Sistema) e aspectos de direitos fundamentais de personalidade, razão pela qual, considerava o uso da metáfora e ironia, facto que, tornava-as, relativamente, inacessíveis.

Na 1ª edição da revista, dissecaremos a música “**Cães de Raça**”, um dos seus sucessos musicais do álbum **Cubaliwa**, segunda obra discográfica da sua autoria, onde usa metaforicamente a palavra destacada para representar as pessoas que se acham superiores por causa do dinheiro, poder político, cor da pele ou por terem vantagens que pessoas comuns não tem na sociedade, e que desprezam os outros (os sem raça), ou seja, os pobres, os oprimidos e marginalizados.

Na primeira estrofe, Azagaia inicia com a voz dos indivíduos de cor mista (mulatos), geralmente, resultados biológicos das relações entre os colonizadores (pai branco) e colonizadas (mãe preta). O mulato sente-se sem nação e sem lugar, porque diante dos indivíduos de cor preta, o mulato não é original, essa visão também é partilhada pelos indivíduos de raça branca, tornando-lhes, desse modo, indivíduos de identidade fragmentada e com crises de pertença.

Por sua vez, dá voz ao branco, o privilegiado, o que representa a classe dominante, detentores do poder económico, que continua colonizando disfarçado de bancos, empresas e influência política. Dá continuidade denunciando, ironicamente, do privilégio que ainda tem sido dado, apesar de reconhecer que é visto como opressor, pois ainda controlam a língua, o capital e meios de produção, tudo isso, pelo peso histórico do legado colonial.

Por fim, Azagaia surpreende apresentando que os complexos raciais vão além das cores, também são influenciados pelos factores culturais e religiosos. Para além das raças apresentadas ainda existem os monhés (termo popular usado para referir a comunidade indo-muçulmana, que em grosso modo, realiza actividade comercial em Moçambique), usando sua voz reafirma a barreira que existe entre os monhés e as outras raças, dando ênfase no isolamento cultural voluntário para preservar a identidade cultural e religião, como também, denuncia as relações laborais desiguais, onde o monhé continua, progressivamente, enriquecendo com o negócio e o africano como subordinado.

Todavia, Azagaia trás consigo uma série de vozes de cada raça onde cada uma apresenta a base com que são suportados os seus complexos raciais e pela mesma via critica, ironicamente, o tribalismo, elitismo e ao racismo estrutural. O verdadeiro inimigo não é a cor da pele, mas o sistema que cria desigualdades, exclusão e o ódio entre os povos.



Por Francisco Fernando Camilo
(ffcamillo.abb@gmail.com)

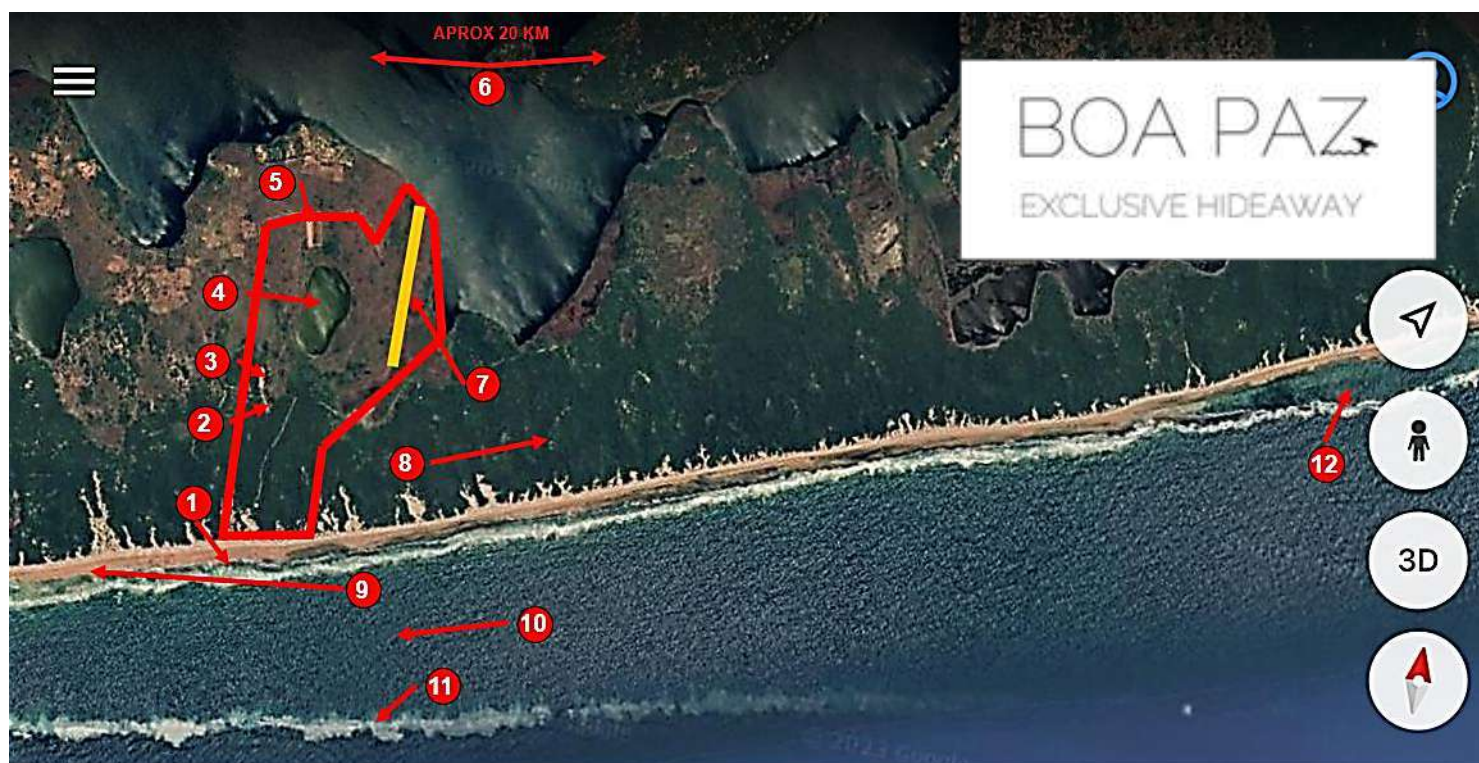
PRETENDE CONSTRUIR UM LODGE EM UM LUGAR ATRATIVO? CHIDENGUELE OFERECE A MELHOR OPÇÃO

INVESTMENT OPPORTUNITY WITH AERODROME

260 KMS FROM LIMPOPO/KRUGER PARK – SKUKUZA AIRFIELD (60-90 MIN)

BOA PAZ
EXCLUSIVE HIDEAWAY

Luís Filipe Pinto | otnip1@hotmail.com +258.843200080



— BOA PAZ Property with aprox 100 Hectares

- | | | | |
|-------------------------|-------------------------|------------------------------|----------------------------|
| 1 White sand beach | 4 Inner lagoon | 7 Private aerodrome | 10 Baby whales refuge |
| 2 Self sustainable huts | 5 Mango + Mandioca Farm | 8 No people living this side | 11 Reef |
| 3 Moringa + Citrus farm | 6 Nhambavale lake | 9 Sea turtle conserv proj | 12 Snorkeling natural pool |

PERGAMINHOS



QUERO SER TEU ÚLTIMO CÃO DE MERDA!

Entre palavras que soam tão loucas,
Rimos da vida, das frases que ecoam.
No teu jeito único minhas mágoas se foram,
Quero ser teu último cão de merda.

Nos dias cinzentos, na chuva que cai, te sigo fiel,
onde quer que tu vais.
Mesmo que o mundo me olhe e não saiba,
Quero ser teu último cão de merda.

Chamado por nomes que só tu inventas.
No caos do amor, reinvento paz.
Na frieza da tua voz, minha alma toda atordoada.
Ainda assim, quero ser teu último cão de merda.

Ainda que a estrada esteja difícil, sigo ao teu lado,
com passos firmes, leal, dedicado.
Pois mesmo ferido, meu amor nunca se abala.
Já disse: Quero ser teu último cão de merda.

E quando o tempo roubar nossa força, que nos reste a gargalhada sobre as memórias.
No fim da jornada, ainda te direi: *Quero ser teu último cão de merda.*

Pois amar-te assim,
Entre risos e dramas,
É aceitar que o amor tem formas insanas.
E em todas elas, com a alma aberta,
Quero ser teu último cão de merda.

De: Ana André Mitawa- A Estrangeira
(mitawaannaandre@gmail.com)





FICHA TÉCNICA

Propriedade: **REVISTA UPHILE**

Edição: **1ª Edição**

Local de Publicação: **Lichinga/Niassa**

Revisão: **Phd. Geraldina Paia Gueze**

Editora: **Revista Uphile**

Arranjo Gráfico: **Valdimar José Américo (Milord Mídia Design)**

Impressão: **Melo Jr Service**

Exemplares: **15**

Ano: **2025**

Número de Páginas: **40**



Revista Uphile



Revista Uphile



Revista Uphile



+258 84 265 3521



*info@revistauphile.com
revistauphile0055@gmail.com*

